

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO  
1 e 9 de abril de 2025

## IL SOLE NEGLI OCCHI / 1953

### Um filme de Antonio Pietrangeli

**Realização:** Antonio Pietrangeli/ **Argumento:** Antonio Pietrangeli, Suso Cecchi d'Amico, Lucio Battistrada, Ugo Pirro/ **Fotografia:** Domenico Scala/ **Direcção Artística e Figurinos:** Gianni Polidori/ **Montagem:** Eraldo Da Roma/ **Música:** Franco Mannino/ **Assistente de Realização:** Franco Zeffirelli/ **Intérpretes:** Irene Galter (Celestina), Gabriele Ferzetti (Fernando), Pina Bottin (Marcella), Paolo Stoppa (Egisto Palmucci), Anna Maria Dossena (Elvira Palmucci), Aristide Baghetti (professor Nicotera), Fara Libassi (Edvige), Scilla Vannucci (Italia), Lia Di Leo (Gina), Maria Pia Trepaoi (Armida), Attilio Martella (Lo Russo), Francesco Mulè (Marcucci), Giancarlo Cocchini (Luca), Mário Valente (Nazareno), Vittorio Duse (Evasio), Elvira Tonelli (menina Spinelli), Rossana Galli, Nicoletta Capotondi, Ennio Manfredi

**Produção:** Titanus/Film Costellazione/ **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 100 minutos/ **Estreia Mundial:** Roma, Dezembro de 1953/ **Inédito em Portugal.**

\*\*\*\*\*

Da curta filmografia de António Pietrangeli (11 longas metragens, dois episódios para filmes de *sketches*) já exibimos aqui cinco filmes, **Fantasmí a Roma**, **La Visita**, **Il Magnifico Cornuto**, **Adua e le Compagne**, **Io la Conoscevo Bene**, sendo os dois últimos das obras mais sugestivas do cinema italiano do seu tempo. Mas o que os distingue entre essa produção será menos a atenta crítica social à Itália contemporânea do que a galeria de retratos femininos que os integram. Deste ponto de vista, **Adua e le Compagne** e **Io la Conoscevo Bene** podem incluir-se entre os mais fortes e realistas desses retratos que o cinema nos deu. Talvez seja tempo reequacionar o lugar de um realizador pouco conhecido, num tipo de cinema (no “feminino”), onde Michelangelo Antonioni é considerado como o mais atento e importante com os seus retratos de mulheres, de **Cronaca di un Amore/ Escândalo de Amor** a **Identificazione di una Donna/ Identificação de uma Mulher**. No fim de contas, parece que Antonioni, Ingmar Bergman e Kenji Mizoguchi, os chamados directores “de mulheres”, têm um bom acólito em Antonio Pietrangeli. Mesmo que no conjunto a sua obra não se possa considerar “perfeita” como a daqueles “mestres”, o que dele se conhece (àqueles filmes pode acrescentar-se o belíssimo **Nata di Marzo/ Nascida em Março**, que teve estreia comercial entre nós no começo dos anos 60, e também **La Visita/ Anúncio de Casamento** e **Il Magnifico Cornuto/ A Eterna Dúvida**) justifica bem o lugar que lhe atribuímos. Vamos ver agora a sua primeira longa-metragem, o excelente **Il Sole Negli Occhi**, inédito entre nós e que constitui uma verdadeira surpresa.

Quando se estreia na longa metragem, Antonio Pietrangeli (1919-1968) já tem 34 anos e uma longa carreira no cinema atrás de si, como crítico (“Bianco e Nero”, “Cinema”,

“Star”), como tradutor e adaptador de textos franceses e ingleses e como argumentista desde 1943, tendo, neste caso, colaborado com Visconti (**Ossessione** e **La Terra Trema**), Blasetti (**Fabiola**) e Rossellini (**Europa 51**, e também, em 1954, em **Dov’è la Libertà...?**). Este trabalho prepara, naturalmente, a transição para a direcção, e o seu primeiro filme revela a segurança e domínio perfeito na escrita do argumento e na direcção, que aquelas colaborações prepararam. Na altura desta estreia, começa a impor-se no cinema italiano um novo género, a chamada “comédia à italiana” que vem suceder ao “neo-realismo” que começava a perder o fôlego. Mas esta transição é preparada (se o termo se justifica) por alguns filmes que já não pertencendo à linha “pura” do “neo-realismo” não comportam ainda a ligeireza e o tom mais ou menos brejeiro que alimenta o outro género. Trata-se de um “sub-género” que se pode chamar de “comédia de costumes”, com algumas componentes dramáticas, que coexistiu alguns anos com aqueles dois, com uma série de títulos significativos assinados por Luciano Emmer (**Le Raggazze di Piazza di Spagna/Raparigas de Roma**, **Terza Liceo/Sete Anos de Liceu**, **Camilla**, **Il Momento Pie Bello/Parto Sem Dor**), Lattuada (**Scuola Elementare/Escola Primária**, **Guendalina**) e Castellani (**I Sogni nel Cassetto/A Morte Não é o Fim**), entre outros. É dentro desta transição que se pode incluir a estreia de Pietrangeli.

O que é que distingue estes filmes do “neo-realismo” com o qual mantém algumas afinidades? Essencialmente uma mudança de perspectiva ou de objecto do olhar, e que corresponde, na realidade social em que se inscreve, à recuperação económica da sociedade italiana. Já não estamos face aos cenários de miséria dos clássicos do “neo-realismo”. As personagens destes filmes são pessoas que começam a recuperar um certo estatuto económico e social devido ao desenvolvimento industrial de que a (re)construção foi um dos motores (factor que, indirectamente, marca também o último filme “neo-realista” de De Sica, **Il Tetto**: o último plano mostra, no fundo, dominando o casebre construído pelo par, os edificios modernos da nova Roma). Aliás, a primeira cena de **Il Sole Negli Occhi** não podia ser mais significativa: Celestina (Irene Galter) não deixa a sua terra em busca de oportunidades como o Moraldo de **I Vitelloni/Os Inúteis**, de Fellini; praticamente foge dela, quer vê-la para trás de si definitivamente, leva na ideia “de nunca mais lá voltar” (como cantava a nossa **Maria Papoila**, outra fugitiva). Celestina não vai já encontrar o drama do desemprego como as personagens do “neo-realismo”. Trabalho não falta numa sociedade em desenvolvimento. Cada família que Celestina vai servir representa um estrato social bem determinado: a primeira é o retrato de uma média-burguesia emergente, a família de Egisto Palmucci (Paolo Stoppa) que vamos encontrar logo a mudar de apartamento; o velho professor sobrevivente de tempos passados, a abastada família com inúmeros criados, etc. Fernando (Gabrielle Ferzetti) já não é o típico pobre-diabo “neo-realista”, mas um operário especializado (canalizador) a quem não falta trabalho, que se permite comprar uma mota para passear as namoradas e tem tempo para piqueniques (será num deles que seduz Celestina). Mas o mais interessante em todo o filme é a personagem desta, que, com a sua energia, paixão e capacidade de luta, anuncia outras figuras femininas inesquecíveis de Pietrangeli: a Francesca de **Nata di Marzo**, a Adua de **Adua e le Compagne**, a Dora de **La Parmigiana**, a Pina de **La Visita** e a Adriana de **Io la Conoscevo Bene**.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico